

MOBILIÁRIO

Livro 67

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



OBJETOS ENCONTRADOS

Em relação aos objetos encontrados respeitar sua presença é: uma imobilidade que honra o gesto de quem o colocou. É um assunto de honra. Desprezá-lo e devolvê-lo ao seu quadrante determinado por alguém de outra época (os bisavós, os avós ou os pais) é repetir e atualizar a ação do ancestral. É manter a presença, a aura do objeto in illo tempore ab origine.



OS MÓVEIS ACEITAM DISFARCES?

Os móveis aceitam disfarces? Muda-se a cor, tira-se o verniz, pinta-se um motivo, aposenta-se prateleiras, inclui-se um vidro, uma iluminação interna, se satura de vazio o espaço, se detecta o que antes não se podia incluir, uma gaveta, um frontispício gastado, um espelho, um detalhe que evoque um tempo onde nos alojaremos para comemorar a presença de um cúmplice que evoca o que nos resta como lembranças.

ANOS DE IDADE

Apoiado nos seus 210 anos de vida, aborrecido por não encontrar sua originalidade, instalado na casa nova, onde não foi exigido o testemunho da origem, mesmo que todos indicadores mostrassem autor, data, um certificado confirmando o nós incluindo uma história antecessora. Depois de haver estado em um sótão e haver sido não benvinda nas acolhidas anteriores, derivando interesses e desprezos. Visitando um exame visual mais detido, saturado de despejos e o valor despejado. Como uma escultura artesanal, os detalhes identificavam uma dedicação própria para a época o que diluía a responsabilidade entre o seu inato prestígio e o conceito saturado que lhe forjou para convertê-lo em um móvel com dificuldades para integrar-se a uma nova realidade.

RESISTINDO À DEPRECIÇÃO

Cada objeto tem implícita sua própria narrativa, embora em cada tempo assistam olhos e olhares diversos a contemplá-los, resistindo à depreciação ou a idealização que se lhes faça, de igual forma, os que se vinculam ao passado, tanto reafirmam a importância do seu resgate, como depreciação causada por lembranças que traumatizam sua biografia. Me detenho diante de objetos vendo a contrapartida como algo que me foi delegado por aqueles que os deixaram quando morreram.



A INFÂNCIA DESPOJADA

A vida adulta me despojou a infância, necessitei criar um museu da memória pessoal, meu empenho foi visando fazer um coletor de pequenas passagens para não me sentir um exilado dentro de mim mesmo. Recompreei mobílias da sala principal da casa do meu

avós Julieta e Aziz, pedi à família do meu tio Jorge um armário despojado de funções, guardado nos fundos da casa que foi durante anos o armário da cozinha onde se guardavam os quibes fritos, hoje habita minha sala principal coalhado de fotografias da família. A acolhida desfilaria o resgate de cenas, meus olhos mantiveram como pedaços meus ancorados como uma raiz me estreitando, sustentando um rumo para que eu não me perdesse ainda mais de mim mesmo.



MEMÓRIAS (ALEXANDRE DUMAS)

Sótão dos meus tédios, quantas vezes senti falta de ti quando a vida múltipla me fazia perder o germe de toda liberdade!

BERÇO

Protejo a intimidade guardada na memória, aquela parte da essência depositada em recortes do albergue, do refúgio, do calendário estático um recanto atemporal, ficando eterno como o berço e paralisado como o amor único ali fundado, o amor que habitou e segue habitando desafiando esta fantástica mistura de variações, matéria prima da inspiração.



SÓTÃO OU PORÃO

Minha alma se despia, estava a altura dos contrastes entre o claro e o escuro, queria vestir algo que tivesse sido poupado de mim, não conseguia identificar se aquele lugar era um sótão ou um porão, uma evolução desorientava a tentativa de romper o ritual que acaba com a fantasia que ao trocar de roupa serei outro. Acabava ali mais uma tentativa de entender o sentido da monotonia na vida cotidiana.

TEÓN E AS FÁBULAS

“A fábula é um relato fingido que dá uma imagem da verdade”.



FALSO ENTUSIASMO

Num falso entusiasmo ponho-me a gritar pedindo auxílio. Tinha por costume restaurar as atenções, esperando que alguma escuta fizesse alguma ajuda existir, mas o silêncio seguido manteve uma pausa para o grito que tentava seguir, mas não mais aconteceu, poupou-me de uma profunda indiferença. Meu assombro perdido dentro daquele vazio, foi-se embora, não disse mais nada.

A COLCHA DE CROCHÊ

Manto de cobrir, acompanhando a solidão das camas, a colcha de crochê fala de agulhas e lãs que entrecruzadas compartiam o espaço com o rastro de mãos hábeis e o tempo como testemunha sobrevivente. A colcha de crochê foi uma ponte em minha mãe e eu, estendendo o abastecimento que se rebela com o destino que nos desencontrou. Comovido, abrigado por aquela forma de testamento, pela pele ternamente tricotada onde ela escondeu um carinho em cada nó, em cada ponto. O poder plantado como vestígios de memória. Me consolo visto que a vida me deixou marcas para deitar, cobrir, adormecer e sonhar. O silêncio noturno virá para me dizer que a memória mediatiza presenças e ausências.

RÁDIOS

Sou de um tempo em que se ia até aonde a música estivesse, a notícia também. Elas não nos perseguiram como hoje que colaram na pele e na orelha como um apêndice. Móveis abrigavam rádios também eletrolas, embora a parte mais significativa coubesse aos alto falantes. Entre a madeira nobre e a casimira, geralmente inglesa ou alemã, porque esta era a origem da indústria dos rádios. Uma coleção disputava alcance e sintonia, os mais requintados tinham um botão extra para a sintonia fina. As rádios acessíveis começaram sendo as locais e ampliando a distância com recursos que nunca ousei investigar. Temia perder o encanto que a distância autorizava à minha imaginação para dar sentido ao som que me ensinou as narrativas, que hoje, impedidas estão pelo excesso de imagens. As imagens são tóxicas para a imaginação que se encolhe pela afronta que elas fazem com a nossa percepção inibindo-a.

DEDAL E AGULHA DE COSTURA

De cada viagem eu levava um dedal para minha mãe, algo fácil de transportar e de boa recepção por parte daquela que habilmente costurava em minutos com gestos nobres e certos a linha na agulha e a agulha na costura. Aceleradas com o pé, as máquinas de costura eram um instrumento fundamental da vida comunitária. Era carreteis de linhas, entretelas, tecidos, objetos que aproximava mães e filhos, facilitadores de soluções com medidas emergenciais atravessando nossas vidas. Quanto ao dedal, era o maior protetor dos dedos, órgãos absolutamente indispensáveis à uma época em que as mãos não haviam sido substituídas.



OS POSTES

Os postes pareciam acompanhar-nos quando crianças como objetos neutralizadores dos ventos acelerados pelas ruas planejadas. Suas aparentes imobilidades, além de sustentar fios e lâmpadas, era de acompanhar-

nos na nossa vulnerável estabilidade. Abraçados a eles evitamos muitas quedas, involuntariamente diversificados no uso diminuía nossas precariedades infantis frente ao Minuano que musicava suas rotas com um assovio singular. Os postes foram eficazes naquele então.



A LOJA – CASA DAS SEDAS

Enormes balcões com lâminas de madeira nobre sustentaram peças de casimira, tafetá, seda, tricoline, percal, tergal, brodery, sarja. Eram vazados de maneira a caber o metro e gavetas onde se guardavam documentos capazes de indicar cada compra, balanços anuais, promissórias, depósitos bancários, referencias de indústrias de tecido, o calendário marítimo e rodoviário que trariam as mercadorias das fábricas e levavam meu pai às compras, um mostruário dos tecidos de cada estação em um desfile interminável de delicados padrões e seus respectivos preços. Os livros contábeis empilhados como munição contra investidas

de ferozes fiscais que com seus olhares duvidavam da inocência de qualquer comerciante.

Devidamente superpostas, as amostras de tecidos desfilavam cores e padrões como peça de opções narrando indicações de projetos para a estação seguinte. Tendo estações definidas entre o frio intenso e o calor escaldante, obrigatoriamente todos deveriam ter guarda-roupas que coubessem dois tipos de vestuário, casacão, pulovers, celouras dariam lugar à roupas leves. De acordo as referências de Londres, Paris, Buenos Aires, Milão e São Paulo, esta ou aquela cor, padrão ou adequação à moda, centenas de mulheres e homens cercariam aquelas peças solicitando que abertas colaborassem para a imaginação acolher o desenho rumo ao alfaiate ou à costureira. As lojas menos valorizadas vendiam roupas “prontas” sem o devido cuidado de “sob medida”, encerrando o começo de uma luta pelo ingresso da industrialização. Classificadas por setores, aqueles estimulantes e concorrentes usariam os tecidos como segunda pele, tinham a capacidade de promover pequenas mudanças naquelas vidas, fazendo do trajeto até a Casa das Sedas um caminho de ida com expectativas e de volta com o suporte que iria convertê-los em peças únicas da moda e da memória.

DESAPEGO DOS HERDEIROS

O apego dos herdeiros em relação aos bens, tendem a ser menos profunda que a dos seus antecessores. O empenho e a dedicação à construção dificilmente serão transmitidos aos sucessores porque é difícil dar continuidade por interesses e projetos continuados. Tanto com os bens materiais, os imateriais estão expostos os mesmos riscos.



O PÁTIO, A PARREIRA E A FIGUEIRA

A parreira e a figueira alimentavam os pátios, juntamente com os canteiros abrigando-os e partilhando com os temperos alimentando comidas, sombras, encontros, frutas. Escassos estímulos conservando a arquitetura da terra-mãe. Naquele fundo de quintal reunidos alimentos vendo humanos saudosos, cadeiras acolhedoras e testemunhos botânicos convivendo em um pequeno pedaço de terra.

O PILÃO

O pilão assiste no canto da cozinha a imigração de culturas manuais substituídas por máquinas. Como evidências dos rituais em torno dos quais se preparava a carne para o quibe, a busca da similaridade adapta o sabor para que seja aceita a alternativa que habitua ao drama da substituição com desvantagens.



CAMUFLADOS

Há objetos distribuídos entre os demais que parecem camuflados, sem nenhum valor aparente uma bainha acartonada pode guardar a navalha que diariamente cortou a barba de várias gerações, um prato de ágata que acolhia fomes irmãs e panelas de barro e uma caneca multifuncional que tanto abrigava o café da manhã como o chimarrão da tarde.

DESCARTÁVEIS

Enfrentando uma onda de descartes estimulados pela cultura do “use e jogue fora”, o movimento anti raízes, radical em suas políticas de evitar compromissos com vínculos, festeja rupturas, desmanches, demolições e outras posturas que necessitam por razões históricas desprestigiar o passado, fazendo uma diáspora objetal.



UMA ROTA

Os objetos tanto podem nos encaminhar por uma rota de pressentimentos, suspenses, ocultadas histórias, oferendas, aquisições, precárias referencias cobrindo de incertezas as datas e intenções da posse.

INVENTÁRIOS

A ausência da altruísta generosidade colabora com a resistência ao reconhecimento do inventário que fica calado a espera de intercâmbios humanizados entre pessoas e objetos. Há uma via perdida entre gerações que nem sempre dão sequência de transladação dos afetos investidos que são substituídos pelo consumo acelerado e a ruptura pelo descarte do antigo confundido com o inútil e o superado. O conhecimento não exclui, em mãos hábeis acumula-se para dar sequência ao processo inerente a qualquer desenvolvimento.



POSTAIS

Postais habitados pela letra de um parente davam notícias do Líbano. Sincronizando minha curiosidade com estímulos, me vi impactado com imagens que deixaram de ser filmes ou fotografias para ser notícias da família. A praia, a rua, a montanha casais andando davam um toque de realidade a um lugar que não pensei ser real.

PATRIMÔNIO ESQUECIDO

Os objetos são companheiros transitórios do patrimônio esquecido. Quando se retoma o vínculo que possamos ter com eles, entendesse quanto se olha sem os ver. Entre o histórico de sua construção, uso e habituação se constituem um repertório de testemunhos mudos, são rastros distraídos que permanecem como detalhes acumulados acompanhando nossas vidas. Objetos investidos de afetos acumulados, de valores sentimentais e pecuniários, peças de coleção, de recordação, de manifestações em dias especiais, entregues de mão em mão como grupo migrante esperando encontrar quem lhes revista e renove uma vitalidade restaurada.



OS OBJETOS E SEU MUNDO

Os objetos relatam o mundo cronológico dos interesses da humanidade constituindo um rosário de cumplicidades entre pessoas-objetos e pessoas-pessoas, suas estéticas e éticas, seus serviços e atos de

amor vestidos.

Os papéis guardam palavras,

Os móveis ocupam lugares,

Os imóveis acolhem quartos, salas, portas, janelas,
paredes, cozinhas, corredores, camas,

Os relógios guardam os tempos,

Os rádios guardam canções, esportes, novelas, notícias,
recados,

Os tapetes guardam passos, rastros, chinelos e os
sapatos,

Os quadros guardam os autores, os movimentos, as
criações,

As fardas guardam as guerras, as escolas, os desfiles,
as comemorações,

As medalhas guardam reconhecimentos, homenagens,

Os sabores, os aromas carregam corporais lembranças,

Os tactos tatuam arrepios, suores, carícias,

Os olhos olham,

Os cérebros veem,

Os trens transportam passados,

Os aviões encurtam distancias,

As cartas aproximam,

As rifas alimentam sortes e decepções,

As escadas elevam

Os pisos derrubam,

As penteadeiras mantêm,
Os chapéus protegem cabeças e as prudências,
Os sapatos escondem o chão e enfeitam os pés,
Os escritórios, as impressões digitais,
As lixeiras os desprezos,
Os metais a espera de polimentos,
As cadeiras acolhem quadris,
As bacias banham louças e crianças
Os espelhos devolvem,
As cortinas guardam confidências,
Os calendários correm atrás dos dias e depósitos de
fotos de paisagens e flores,
As lesões, as cicatrizes, guardam rupturas,
As chaves em rotativas funções abrindo e fechando
e todos eles imóveis transportando, não sabemos por
quanto tempo estarão imóveis em seus lugares. Uma
época que enaltece humanos que pensavam com as
mãos, criando peças únicas, agora desperdiçadas no
tempo.
Chegar ao mundo é entrar em um laboratório social de
convivências imprevisíveis, carregando uma sucessão
genética fundidas na anatomia.

SAUDADES ADIADAS

As sementes das palavras estão guardadas ali em estado bruto a espera de uma inclusão participativa equivalente a dos objetos que aprenderam a ver a vida no lugar habitado. As palavras escritas são uma vacina contra o esquecimento, são rastros consistentes e arquivos, podendo em mãos hábeis serem guias.



FRUTO DO SABER

Diz a Bíblia que fomos expulsos do paraíso por provar o fruto do saber. A mercantilização da educação, e em outros ambientes formadores da personalidade, nivelam o nada com o tudo, o efêmero ao duradouro. Os conteúdos banalizando os Valores jogando-nos no purgatório estão à espera que algum anjo da guarda nos acuda.



Roberto Curi Hallal

